



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

INSTITUTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA



PROVA ESPECÍFICA – MESTRADO EM ESTUDOS DE LITERATURA

(subárea de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa)

**Observação: O candidato deverá escolher o grupo de questões a responder de acordo com o campo de estudos de sua escolha no Mestrado.**

## **GRUPO 1: LITERATURA PORTUGUESA**

### **Questão 1:**

Tanto **Viagens na minha terra** (1846/2012), de Almeida Garrett, quanto **Tocata para dois Clarins** (1992), de Mário Cláudio, propõem releituras do imaginário colonial português que questionam de modo frontal a forma como distintos momentos da cultura portuguesa lidaram com tal imaginário. Considerando essa afirmativa, estabeleça uma leitura comparativa entre os dois romances portugueses inicialmente referidos. Para tanto, destaque semelhanças e diferenças entre eles, no que se refere à forma como interrogam o imaginário das navegações.

### **Questão 2**

No artigo de Ida Alves intitulado “Jorge de Sena, Poeta como Camões”, a autora procura mostrar como Sena foi um leitor crítico fundamental da obra Camoniana a partir de um ponto de vista desconstrutor de leituras tradicionais de **Os Lusíadas**. Ao escrever tanto sobre o poeta clássico, dialogando com ele também em sua poesia, Sena questiona a cultura portuguesa de sua contemporaneidade, “rejeitando o sequestro que a ditadura salazarista fizera da obra camoniana para exaltar seus próprios valores de manutenção colonialista” (Alves, 2020, p.94). Também Luís Maffei, em seu artigo “Na terra tanta guerra, tanto engano: Encontros, avorrecimentos e gozos n’**Os Lusíadas**”, tece um

conjunto de hipóteses provocadoras para questionar “qualquer ideia de guerra justa ou santa” (Maffei, 2021, p. 50). Portanto, tendo em mente sua própria leitura de **Os Lusíadas** e, especialmente, os excursos que indicam uma voz lírica altamente crítica do que fazem os homens por ganância e poder, discuta como o poeta do século XX, com o poema “Borras de Império”, datado de 1971, quatro anos antes da Revolução dos Cravos, expõe a história portuguesa moderna sob o regime salazarista.

### Borras de Império

I

Os impérios sempre se fizeram  
com os que são forçados a fazê-los  
e com os que ficam para ser mandados  
e cuspidos pelos que querem fazê-los.  
Por isso, há nos povos imperiais  
algo de um visgo de alma: que ou é cuspo,  
ou um prazer dolente como de escarra e cospe.

[...]

III

Pergunto-me a mim mesmo como foi possível:  
ou os impérios gastam o seu povo até que ele seja  
uma raça agachada, mesquinha e traiçoeira,  
ou é com gente dessa que os impérios se fazem,  
já que nada glorioso se constrói humanamente  
sem 10% de heróis e 90% de assassinos.  
Que coisa fedorenta a glória, sobretudo  
enquanto não passam séculos e só ruínas  
fiquem – onde nem o pó dos mortos  
ainda cheire mal.

IV

Portugal é feito dos que partem  
e dos que ficam. Mas estes  
numa inveja danada por aqueles terem  
sido capazes de partir, imaginam-lhes a vida  
a série de triunfos sonhados por eles mesmos  
nas horas de descrerem da mesquinhez em que triunfam  
todos os dias. E raivosamente  
escondem a frustração nos clamores  
da injustiça por os outros lá não estarem  
(como eles estão), do mesmo passo  
que se ocupam afanosamente em suprimi-los  
(não vão eles ser tão tolos –  
– a ponto de voltarem).

8/6/1971

(Jorge de Sena, Poesia III, 1989, p. 172-173)

## GRUPO 2: LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

### Questão 1:

Em “Noemia de Sousa: a metafísica de um grito” (2016), o ensaísta Francisco Noa ressalta o caráter “emocionado” e a “aspiração plural” da obra poética de Noémia de Sousa, em torno de uma aspiração coletiva e, por vezes, messiânica, da ainda futura nação moçambicana. Entrelaçando o pessoal e o coletivo, a poesia de Conceição Lima é também eivada de emoção, emoção esta desperta pelo exercício da memória. Tendo em vista os diferentes contextos históricos e culturais de ambas as autoras, desenvolva uma leitura comparativa dos dois poemas transcritos abaixo:

#### Nossa voz

Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara  
sobre o branco egoísmo dos homens  
sobre a indiferença assassina de todos.  
Nossa voz molhada das cacimbas do sertão  
nossa voz ardente como o sol das malangas  
nossa voz atabaque chamando  
nossa voz lança de Maguiguana  
nossa voz, irmão,  
nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade  
e revolucionou-a  
arrastou-a como um ciclone de conhecimento.

E acordou remorsos de olhos amarelos de hiena  
e fez escorrer suores frios de condenados  
a acendeu luzes de esperança em almas sombrias de desesperados...

Nossa voz, irmão!  
nossa voz de atabaque chamando.

Nossa voz lua cheia em noite escura de desesperança  
nossa voz farol em mar de tempestade  
nossa voz limando grades, grades seculares  
nossa voz, irmão! nossa voz milhares,  
nossa voz milhões de vozes clamando!

Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas,  
nossa voz gorda de miséria,  
nossa voz arrastando grillhetas  
nossa voz nostálgica de ímpis  
nossa voz África  
nossa voz cansada da masturbação dos batuques de guerra  
nossa voz negra gritando, gritando, gritando!  
Nossa voz que descobriu até ao fundo,  
lá onde coxam as rãs,  
a amargura imensa, inexprimível, enorme como o mundo,  
da simples palavra ESCRAVIDÃO:

Nossa voz gritando sem cessar,

nossa voz apontando caminhos  
nossa voz xipalapala  
nossa voz atabaque chamando  
nossa voz, irmão!  
nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando!  
06/08/1949

(Sousa, 2016, p. 26-27)

#### As vozes

Quando eu corria, quando fugia e me perdia  
Quando fugia e desaparecia  
atrás dos troncos  
havia os olhos da tia Espírito  
abertos buscando o caminho da luz.

Então vinham as primas da Boa Morte  
as velhas primas Venida e Lochina  
com ecos de ontem nas palmas das mãos.

Comiam cola, bebiam água e suspiravam  
e quedavam sentadas lá no quintal  
falando do avô e de outros fantasmas  
abrindo tempos que eu não entendia.

E a tia san Límpia kambuta e nervosa  
a tia san Límpia e seu doce de coco  
a tia san Límpia que nunca sabia do paradeiro  
do seu Nicolau.

Além das folhas, além dos troncos, além do anel  
havia as comadres de minha mãe.  
Havia Vingá que era peixeira e era a mulher  
de um pescador.  
A velha Malanzo, Adelina e Nólia, eram todas peixeiras.  
E havia as filhas que eu sabia que iriam ser peixeiras também.

Pois eu corria pelo quintal, eu descobria o canavial  
o mundo era plano, eu tinha o quintal.

(Lima, 2012, p. 62-63)

#### Questão 2:

Laura Cavalcante Padilha, na obra **Entre voz e letra** (2007), destaca o compromisso crítico-ideológico de textos como **Mayombe**, de Pepetela, ao proporem uma luta por condições mais dignas e justas para os povos africanos colonizados, fazendo da obra literária eco do clamor pela libertação e transformação social.

A obra de Pepetela, aprofundando a técnica do multifoco narrativo, procura romper a imobilidade de um único ponto de vista [...] — fracionando as visões e desmobilizando dialeticamente o contado. Desse modo, procura atingir o cerne da unidade narrativa, fazendo com que se fragmente o corpo ficcional. (Padilha, 2007, p. 221)

Tomando como referente as características indicadas pela pesquisadora brasileira, estabeleça uma análise da focalização narrativa empregada em **Mayombe**.